Receção das literaturas de língua portuguesa na Sérvia

The reception of Portuguese language literatures in Serbia

Anamarija Marinović¹

Resumo: Este trabalho visa explicar a receção das literaturas de língua portuguesa no espaço cultural sérvio. Primeiramente, estudarei as relações entre Portugal e a Sérvia das perspetivas históricas e diplomáticas, para depois me debruçar sobre o ensino da língua e cultura portuguesas na ex-Jugoslávia, destacando a atividade de tradução no processo da aproximação dos mundos lusófono e eslavo, concretamente sérvio. Um dos tópicos a analisar são os estereótipos que sobre Portugal se têm na Sérvia, antes e depois do contacto com a literatura, concluindo que o caminho da cooperação cultural ibérica e eslava está aberto, mas sempre com novas perspetivas a explorar.

Palavras-Chaves: Literaturas de língua portuguesa; receção da literatura; relações Portugal-Sérvia; ensino e tradução do português na Sérvia.

Abstract: This paper aims to explain the reception of literatures in Portuguese language in the Serbian cultural space. Firstly, I will study the relations between Portugal and Serbia from historical and diplomatic perspectives, and afterwards I will focus on the teaching of the Portuguese language and culture in the former Yugoslavia, highlighting the translation activity in the process of approaching the Lusophone and Slavic worlds, namely Serbian world. One of the topics to be analyzed are the stereotypes about Portugal in Serbia, before and after contact with literature, concluding that the path of cultural cooperation in the Iberian and Slavic languages — is open, but always with new perspectives to explore.

Keywords: Literatures in Portuguese language; reception of literature: relations Portugal--Serbia; teaching and translation of Portuguese in Serbia.

¹ Faculdade de Filologia da Universidade de Belgrado, Studentski trg 3, 11000 Belgrado, Sérvia; CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1600-214, Lisboa, Portugal.

Introdução: Portugal e a Sérvia na história e na diplomacia

O objetivo deste trabalho é apresentar o ponto da situação referente à receção das literaf turas de língua portuguesa no espaço cultural sérvio. Dada a relativa escassez de uma bibliografia sistematizada e organizada sobre o assunto, este breve estudo terá um carácter mais informativo do que científico. Para a minha investigação, irei recorrer a dados de jornais, artigos académicos, fontes digitais, mais do que a livros e a documentos escritos, uma vez que as literaturas do espaço cultural lusófono são praticamente desconhecidas e a sua presença começa a ser mais visível nas últimas décadas do século passado, devido aos mais diversos fatores.

Antes de passar diretamente para o tema da minha investigação, devo enquadrar a situação do conhecimento da língua portuguesa e do seu ensino desde os tempos da antiga República Socialista Federativa da Jugoslávia e abordar as relações bilaterais entre Portugal e este país, que foram escassas, mas sem que houvesse hostilidades nem grandes rivalidades entre estes dois países. Se bem que Portugal seja um dos membros da NATO e participou no bombardeamento da Jugoslávia em 1999, reconheceu a independência unilateral do Kosovo e votou a favor da admissão do Kosovo na UNESCO, pode dizer-se que na Sérvia não há qualquer ressentimento ou adversidade relativamente a Portugal. Pelo contrário, parece haver uma certa compreensão, porque Portugal é um país relativamente pequeno, em território e em população, bastante semelhante à Sérvia, e pensa-se que o poder de decisão de Portugal nem sempre depende da vontade política do próprio país, mas também de numerosos outros fatores. O que os sérvios costumam salientar é que os pilotos portugueses costumavam despejar as bombas para o Mar Adriático em vez de bombardearem as localidades povoadas e também que os soldados portugueses da KFOR no Kosovo protegiam a população sérvia e os mosteiros e os monumentos culturais ortodoxos. Para a primeira afirmação não há provas materiais suficientes e pode tratar-se de um mito, construído a partir da ideia de que Portugal e a Sérvia foram aliados na Primeira Guerra Mundial, durante anos repetido e transmitido entre os sérvios como uma prova de amizade entre os dois povos ou, pelo menos, como um sinal de boa vontade por parte de Portugal e dos portugueses.

A presença portuguesa no Kosovo não é tão numerosa como a dos italianos, franceses ou soldados de outros países da NATO, mas o que acontece é que Portugal está bem informado sobre a situação da população sérvia neste território e apoia a ideia de uma solução sustentável do conflito entre os sérvios e os albaneses, como refere o embaixador de Portugal em Belgrado, Sua Excelência José Augusto Saraiva Peixoto, ao jornal *Blic* de 13 de dezembro de 2017.

Há poucos registos escritos sobre as relações económicas, culturais e diplomáticas com a Sérvia, posteriormente Reino de Sérvios, Croatas e Eslovenos (1918-1929), Reino da Jugoslávia (1929-1943) e, mais tarde, Jugoslávia Democrática Federal² (1943-1945), República Federal Popular da Jugoslávia (de 7 de março a 29 de novembro de 1945), que, em 1963, mudou de nome para República Federativa Socialista da Jugoslávia e existiu como tal até 1991, República Federal da Jugoslávia (1992-2002), Comunidade dos Estados da Sérvia e Montenegro (2002-2006) e, por último, República da Sérvia (2006 até ao presente). O que é relativamente pouco conhecido é o facto de as relações diplomáticas entre Portugal e o então Reino da Sérvia terem sido estabelecidas pela primeira vez em 1882, durante o reinado de Milan Obrenović. Durante muito tempo, os diplomatas sérvios em Lisboa desempenharam funções de encarregados de negócios, adidos culturais, representantes diplomáticos, mas apenas em 1992 foi nomeado o primeiro embaixador, Stefan Korošec.

O mesmo acontecia com os representantes diplomáticos portugueses enviados para Belgrado, porque apenas a partir da primeira década de 2000 é que os portugueses começaram a exercer o cargo de embaixador.

² Neste período da existência do país, em que o rei emigrou para o estrangeiro e o país ainda não se consolidou no novo sistema político, foi evitada qualquer designação de monarquia ou república (nota da autora).

É também pouco conhecido o facto de o Reino da Jugoslávia ter sido um dos primeiros países a reconhecer a República Portuguesa. Embora as relações sérvio-portuguesas sejam relativamente antigas, a partir de 1920 nota-se uma interrupção nas relações, provavelmente não baseada em qualquer decisão política, conflito ou distanciamento diplomático. Uma explicação mais lógica seria a decisão dos dois países de reduzirem custos e de não enviarem os mais altos representantes diplomáticos para um país que não é prioritário para os seus fins estratégicos, económicos, políticos, sociais e culturais. As relações diplomáticas entre Portugal e a Jugoslávia foram plenamente renovadas em 1974 (ano da Revolução dos Cravos em Portugal), pouco ou quase nada se sabe sobre as relações entre estes dois países durante os respetivos regimes totalitários.

Se bem que o regime de Tito, na Jugoslávia, fosse de esquerda e o de Salazar de direita, não há fontes escritas que possam confirmar que justamente as suas diferentes posições políticas causaram um distanciamento mais profundo entre Portugal e a Jugoslávia. Recordo que a Jugoslávia foi um país de esquerda, porém muito mais moderada do que os regimes da União Soviética ou de outros Estados na Europa Central e do Leste, o que poderia ser uma das razões para Salazar não sentir tanta aversão relativamente a este país. Jorge Santos Carvalho, na obra *As relações jugoslavo-portuguesas (1941-1974)*, escreve

que a partir da Segunda Guerra Mundial, as relações entre Portugal e a Jugoslávia começaram a tornar-se importantes, uma vez que Portugal era um ponto de passagem dos exilados jugoslavos no seu caminho para o Reino Unido, para os Estados Unidos ou alguns países africanos. Este autor cita vários períodos de relações jugoslavo-portuguesas: a Legação Jugoslava (1941-1948), o Interregno (1949-1960), o período de 1961 ao 25 de Abril e o período contemporâneo. Durante os períodos referidos, as relações entre estes dois países foram mais ou menos estáveis ou frágeis, condicionadas também pelas relações entre o Partido Comunista Português e o Partido Comunista da Jugoslávia. Após o 25 de Abril de 1974 e uma major abertura de Portugal, as relações bilaterais com a Jugoslávia começam a estabilizar-se. Segundo o website da Presidência da República Portuguesa, em 1978, Tito foi condecorado com o Grande Colar do Infante D. Henrique. Segundo afirmam Humberto Nuno de Oliveira et al. no artigo «As condecorações do Marechal Josip Broz Tito», há também uma outra condecoração portuguesa com que Tito foi agraciado, a do Grande Colar da Ordem de Sant'lago da Espada, sendo as duas reservadas para os chefes de Estado e para as pessoas mais relevantes da esfera política e militar. Repare-se que as duas visitas de Tito a Portugal ocorreram após a morte de Salazar e depois do 25 de Abril, durante os mandatos do Presidente Costa Gomes e, posteriormente, do

General Eanes, o que pode esclarecer a posição dos dois líderes relativamente aos respetivos países. As guerras e os conflitos na Jugoslávia nos anos 90 trouxeram algumas centenas de imigrantes do território do país desintegrado a Portugal, onde quase todos são altamente qualificados ou integram equipas desportivas, ou participam ativamente na vida cultural portuguesa.

Depois das mudanças políticas na Sérvia no ano 2000, Portugal parece ser mais recetivo à Sérvia. Se bem que os portugueses, no geral, desconheçam bastante a Sérvia e as primeiras associações que têm são a Sibéria ou ainda Síria (com todos os estereótipos relacionados com estes territórios), o conhecimento mútuo entre a Sérvia e Portugal foi reforçado mediante vários protocolos internacionais em diferentes áreas. A partir do ano 2010, parece que as relações bilaterais luso-sérvias estão a estabilizar-se. Em 2012, o então Presidente da República da Sérvia, Boris Tadić, esteve em Lisboa em visita presidencial.

Em 2017, o anterior Presidente Tomislav Nikolić realizou também uma visita. Na entrevista ao mais prestigiado jornal diário sérvio, *Politika* (25 de janeiro de 2017), Nikolić refere esta ocasião como uma notável mudança no sentido do melhoramento e do reforço das relações bilaterais entre a Sérvia e Portugal, abrindo novos caminhos para a cooperação económica, política e cultural entre ambos os países. Após esta última visita presidencial a Lisboa, há agora a Igreja Ortodoxa Sérvia em nome de Cristo Salvador, junto da Embaixada da Sérvia, aulas da língua sérvia para os filhos dos imigrantes e organizam-se diversas atividades luso-sérvias.

Vale a pena também recordar que em missões diplomáticas a Portugal, durante o século xx, estiveram três notáveis figuras do mundo da literatura: o poeta, pensador e ensaísta Jovan Dučić, o escritor e poeta Miloš Crnjanski e o vencedor do Prémio Nobel Ivo Andrić, cujo mérito na literatura mundial é bastante conhecido. Este último escreveu a obra Portugal, terra verde — um livro de viagens em que descreve Lisboa como «uma cidade inquieta sobre o solo vulcânico», acrescentando que em nenhum outro lugar no mundo as pessoas são tão calmas e delicadas como os portugueses. Se bem que possa tratar-se de um estereótipo, há nesta constatação muita verdade sobre Portugal e os seus habitantes, encarando-os de forma positiva e bela.

A presença da língua portuguesa no espaço cultural da ex-Jugoslávia e da Sérvia: Ensino e tradução

Após esta longa introdução que põe em rea levo o lado político e diplomático das relações entre um país lusófono e um país eslavo, cabe-me esclarecer e explicar a presença da língua e cultura portuguesas no espaço cultural jugoslavo e posteriormente sérvio.

Na antiga Jugoslávia, o ensino do português ao nível universitário estava bastante presente no Departamento dos Estudos Românicos da Universidade de Zagreb, onde ainda hoje existe uma cátedra bem estruturada e organizada, com professores croatas, bem como com a presença de leitores estrangeiros, enviados pelo Camões — Instituto da Cooperação e da Língua. Na Croácia, existem também materiais educativos suficientes (dicionários de português-croata, gramáticas para o ensino de português como língua estrangeira, livros sobre a cultura e a civilização portuguesa elaborados pelos professores do próprio departamento), o que facilita em grande medida o ensino e a aprendizagem de português nesse país. Após os estudos de licenciatura, o nível de conhecimento da língua portuguesa esperado é um C1. Em termos de tradução de obras literárias da língua portuguesa para o croata, destacam-se os nomes do professor catedrático e tradutor Nikica Talan, que traduziu autores como Camilo Castelo Branco, Fernando Pessoa e Eça de Queiroz, Nina Lanović, professora adjunta da Universidade de Zagreb, conhecida pelas traduções de José Saramago e de Paulo Coelho, e Tatjana Tarbuk, que traduziu Fernando Pessoa, Rui Zink, José Cardoso Pires e uma antologia de poesia portuguesa contemporânea. Em Zagreb, é possível apresentar-se aos exames do CAPLE (Centro de Avaliação de Português como Língua Estrangeira) para se obter um certificado internacionalmente reconhecido do nível de conhecimento de português.

Na Eslovénia, dentro do Departamento dos Estudos Românicos existe também uma licenciatura em Língua e Literatura Portuguesa na Universidade de Liubliana, com professores eslovenos e leitores nativos. A tradução de obras da língua portuguesa para o esloveno está bastante desenvolvida, destacando-se o trabalho de Barbara Juršič, tradutora de Saramago, Fernando Pessoa, António Lobo Antunes, Paulo Coelho, Mia Couto, Gonçalo M. Tavares e outros e de Mateja Rožman, leitora de esloveno na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que, em colaboração com o poeta Casimiro de Brito, organizou uma antologia bilingue de poetas portugueses e eslovenos.

Na Macedónia, no Montenegro e na Bósnia-Herzegovina, segundo me consta, ainda não há possibilidade de estudar português de uma forma organizada, ao nível universitário, podendo haver esporadicamente alguns cursos em escolas privadas. Nestas antigas repúblicas jugoslavas, a impossibilidade de estudar português deve-se também à ausência de leitorados ou à inexistência de embaixadas ou consulados de Portugal, bem como à falta de professores qualificados, nativos ou não nativos, que pudessem assegurar e garantir o ensino da língua e cultura portuguesas, não obstante o grande interesse pelo português por parte dos potenciais alunos. Entre estes

países e Portugal não tem havido grandes contactos nem intercâmbios económicos ou culturais, o que poderia justificar e explicar a ausência de recursos formais para estudar e ensinar esta língua.

Na Sérvia, a situação da presença da língua portuguesa é ligeiramente melhor do que na Macedónia, Bósnia ou no Montenegro. Na antiga Jugoslávia, houve traduções esporádicas de obras literárias, nomeadamente Os Lusíadas, de Luís Vaz de Camões³ (publicados em 1981, pela Srpska Književna Zadruga, de Belgrado), A tocaia grande, de Jorge Amado (publicado pela primeira vez em 1982, pela editora BIGZ, de Belgrado, e traduzida como Velika zaseda) e poucas obras mais. Geralmente, as traduções devem-se a pessoas que passaram uma temporada a viver em Portugal ou no Brasil e que têm conhecimentos da língua portuguesa, sem necessariamente terem uma preparação em Linguística ou em Filologia. A qualidade destas traduções, a «fidelidade» ao original ou a transmissão do «espírito da língua» podem ser questionadas, se bem que estas obras tenham o seu valor como pioneiras na área de tradução. Por vezes, era também possível traduzirem-se obras curtas (poemas ou contos) a partir do francês, alemão ou de outras línguas mais representadas neste espaço cultural, porém, isso acontecia com menos freguência.

³ Na língua sérvia, os nomes estrangeiros transliteram-se e adaptam-se à ortografia desta língua. As obras traduzidas serão devidamente referenciadas na bibliografia.

Na década de 60, um dos primeiros tradutores de português para sérvio foi Radoje Tatić, que trabalhou como conselheiro na Embaixada da Jugoslávia em Brasília, e que, portanto, conhecia e dominava o português do Brasil. Embora jornalista e diplomata e mais conhecido como tradutor de Borges, Neruda, Octavio Paz e outros autores hispano-americanos, traduzia também do português, e entre as suas traduções destaca-se a de O alquimista, de Paulo Coelho. A Fundação Radoje Tatić outorga, de dois em dois anos, um prémio para a melhor tradução de português e espanhol, promovendo, desta forma, um melhor conhecimento das culturas e literaturas. Hoje em dia, o seu filho, Jovan Tatić, é também um tradutor prestigiado, que traduz obras brasileiras e portuguesas.

Nos anos 90 do século passado, entre o público adolescente e jovem adulto, eram bastante populares as obras de Paulo Coelho, cuja obra completa está traduzida por Jasmina Nešković. Os leitores adultos sérvios conheceram uma parte da obra de José Saramago graças ao excelente trabalho de Dejan Stanković, empresário, tradutor e escritor contemporâneo sérvio, que durante muitos anos viveu em Portugal e foi casado com uma portuguesa, que o coadjuvava nas traduções das obras de Ivo Andrić para português. Este tradutor agora é um dos nomes mais conceituados na área da tradução de português para sérvio e no sentido inverso. Obras como Evangelho segundo Jesus Cristo, publicada na

tradução sérvia pela primeira vez em 1999, e O ensaio sobre a cegueira, traduzido e publicado em 2001, são apresentadas aos leitores sérvios por Dejan Stanković. Em 2003, foi publicada pela primeira vez uma tradução de *A sibila*, de Agustina Bessa-Luís (Narodna knjiga-Alfa, Belgrado), e a tradução foi feita por Ana Kuzmanović, professora associada de espanhol na Faculdade de Filologia da Universidade de Belgrado e uma antiga bolseira do Instituto Camões. Em 2004, Nina Marinović traduz *Os Maias*, de Eça de Queiroz, na edição de Izdavačka knjižarnica Zorana Stijanovića, da cidade de Novi Sad. A partir dos anos 2000, o número de obras traduzidas do português para o sérvio começa a aumentar gradualmente, quer se trate de edições pequenas e de editoras pouco comerciais, quer sejam publicações de editoras mais reconhecidas e conceituadas. A presença de obras literárias do mundo lusófono traduzidas para sérvio aumentou, certamente, o interesse do público pela língua e cultura portuguesas.

Relativamente ao ensino da língua portuguesa na Sérvia, mencionarei que desde a abertura do Leitorado da Língua Portuguesa na Faculdade de Filologia da Universidade de Belgrado em 2005, pelo jornalista e professor André Cunha, o interesse pelo mundo lusófono tem vindo a crescer. Num primeiro momento, no ano académico de 2005/2006, existiu apenas um curso livre de português como língua estrangeira, com mais de 100 inscritos, não necessariamente alunos da Fa-

culdade de Filologia, de diferentes idades e perfis. Posteriormente, o curso de português transformou-se em uma das cadeiras opcionais para os alunos de qualquer das licenciaturas oferecidas pela Faculdade, tendo aproximadamente entre 100 e 130 alunos cada ano. Para além de André Cunha, em Belgrado trabalharam também outros leitores, como André Carvalhosa, Sofia Marinho e Magda Barbieta. Nos anos de 2006, 2007 e 2008, na Faculdade de Filologia da Universidade de Belgrado, organizavam-se também cursos de verão durante o mês de julho, acessíveis ao público em geral e bastante frequentados. Até 2015 esteve em funcionamento o Centro Camões, que promoveu e desenvolveu diversas atividades culturais: ciclos de cinema, concertos, debates com escritores, apresentações de livros entre outros.

Em Belgrado, ainda não há uma Licenciatura em Estudos Portugueses, embora se tenham feito certos esforços neste sentido no Departamento dos Estudos Ibéricos da Faculdade de Filologia. De um simples curso livre, o português, há alguns anos, passou a ser uma cadeira opcional para os alunos do primeiro e segundo ano da licenciatura, e facultativa para os alunos do terceiro e quarto anos. Para além dos níveis de A1 a B2, existe a possibilidade de se estudarem as cadeiras de Português P5 e Português P6, que correspondem aos níveis mais avançados e aos temas culturais mais complexos. Se estes cursos vão ou não abrir depende do número de alunos (o mínimo

de cinco), dos horários (geralmente da parte da tarde, adaptados às necessidades dos estudantes-trabalhadores), da disponibilidade das salas e de outros fatores. Estes níveis do curso de português são pagos, o que poderá condicionar os alunos que poderão ter outras prioridades em termos financeiros. A falta de professores especializados em Estudos Portugueses poderá ser um fator que dificulte a abertura de um curso de licenciatura em Língua e Cultura Portuguesas em Belgrado.

Não obstante o facto de, desde 2016, não haver leitores nativos, o interesse pela língua e cultura portuguesas, bem como pelo universo lusófono, não diminui, mantendo-se o número de alunos, divididos em dois níveis (A1 e B1, no primeiro semestre, e A2 e B1.2/B2, no segundo). Os alunos dividem-se em quatro turmas, tendo cada turma a carga horária de quatro horas semanais. As aulas estão organizadas por forma a que os alunos possam estar em contacto não apenas com os conteúdos gramaticais, mas também com diferentes elementos de cultura dos países de língua portuguesa. Desta forma, pretende-se despertar o interesse dos estudantes universitários (da faixa etária entre os 18 e os 25 anos) pela língua, literatura, música, gastronomia, cinematografia e outras áreas da rica e diversificada cultura dos oito países onde o português é falado: Portugal, Brasil, Cabo Verde, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, bem como nos territórios de Macau e Goa. Nas aulas de português, quer tivessem sido administradas pelos leitores nativos, quer por mim, os conteúdos nunca se limitavam ao mero ensino de regras gramaticais, sendo sempre combinados os elementos linguísticos com os da literatura, cultura, história, música, cinematografia, entre outras áreas.

Para além de Belgrado, o português é ensinado na Universidade de Novi Sad, onde a leitora nativa do Instituto Camões, Sofia Marinho, dá aulas de língua e cultura portuguesas e em Kragujevac, onde também trabalha um professor nativo.

Se bem que o primeiro contacto com a língua portuguesa para a maioria dos alunos se tenha feiro através de elementos da cultura brasileira (música, futebol, telenovelas, bastante populares na Sérvia na década de 90 do século XX e nos primeiros anos do século XXI), a sua curiosidade pelo mundo lusófono não se manteve no domínio da diversão, sendo procurados também livros de autores portugueses, brasileiros e africanos de países em que se fala português.

Neste momento, irei partilhar apenas uma parte da minha experiência enquanto professora de português na Faculdade de Filologia da Universidade de Belgrado, em que ensinei a língua e a cultura, pretendendo despertar o interesse dos alunos pelas literaturas dos países lusófonos. Costumava dividir as minhas aulas em duas partes, sendo a segunda reser-

vada para algum aspeto cultural. Tratando-se de literatura, aproveitava sempre a oportunidade para trazer um poema, o excerto de um conto ou uma breve obra em prosa, e se existia uma tradução oficial para sérvio, eu indicava a referência bibliográfica e a biblioteca onde o livro em questão podia ser encontrado, e se não, em conjunto intentávamos traduzir e interpretar a obra. Deste modo, suscitava-se o interesse pelas obras em português, praticava-se a língua, levantavam-se questões interessantes e abria-se espaço para debates. Os alunos do primeiro ano discutiam mais em sérvio, no princípio, para depois, quando adquiriam mais segurança e alargavam o vocabulário, conseguirem colocar questões em português. Aos alunos mais avançados era permitida apenas a utilização da língua portuguesa na aula. Durante o ano letivo de 2017/2018, os alunos das quatro turmas de português, bem como alguns ex-alunos deste curso dado por mim, conjuntamente comigo participaram na realização de dois projetos de tradução, cujos resultados são as antologias da literatura de expressão oral e literatura infantil portuguesa e brasileira, intitulada *O reino encantado*, traduzida pelos alunos dos primeiros níveis. Esta coletânea (no prelo) contém contos e lendas populares de Portugal e do Brasil, bem como criações em prosa e poesia de autores conceituados como Alice Vieira, Luísa Ducla Soares, José Jorge Letria.

Coordenei e trabalhei também na realização de uma antologia de literatura portuguesa e brasileira para adultos, intitulada *Jardim* à beira-mar plantado, traduzida por alunos dos níveis mais avançados, contendo obras de Luís Vaz de Camões, Florbela Espanca, Antero de Quental, José Régio, Fernando Pessoa, Tomaz Ribeiro, Jacinto Lucas Pires, Machado de Assis, apenas para mencionar alguns nomes. As duas antologias são acompanhadas de um estudo introdutório, elaborado por mim, que se baseia nas minhas investigações anteriores, relativas às literaturas ibéricas e eslavas. Desta forma, pretende-se apresentar ao público sérvio uma parte da criação literária de Portugal e do Brasil, que são os primeiros dois países em que se pensa quando se mencionam os territórios em que a língua portuguesa é falada. Para uma primeira tentativa de envolver os alunos num projeto deste género, não foi traduzida nenhuma obra de países lusófonos do continente africano, primeiramente porque nessas obras é muito frequente a presença de regionalismos, palavras de carácter muito local ou de línguas africanas, ou de neologismos, como é o caso da escrita de Mia Couto, e considerei que esse tipo de vocabulário poderia ser demasiado difícil para os alunos que ainda não dominam a língua portuguesa na perfeição. Um segundo impedimento que enfrentaria ao guerer realizar uma antologia das literaturas africanas de expressão portuguesa é uma falta de bibliografia relevante que me permitisse fazer

um estudo competente que contextualizasse e explicasse o mundo africano lusófono ao público sérvio. Ainda que na biblioteca do Centro Camões existam e estejam disponíveis livros de autores africanos como Mia Couto, Pepetela, José Eduardo Agualusa, Paulina Chiziane e outros, poucas destas obras são edições críticas ou comentadas, que me poderiam fornecer a informação necessária para um estudo académico, e escassas também são as histórias de literatura, dicionários literários e outros materiais de nível e abordagem científica que me poderiam servir como base para algumas afirmações. No entanto, a ideia de realizar e traduzir uma antologia da literatura da África lusófona ainda permanece como um dos possíveis futuros projetos em que os alunos seriam envolvidos.

Um terceiro contributo meu para a área da tradução da literatura portuguesa é certamente a antologia bilingue da poesia lírica de expressão oral portuguesa e sérvia, intitulada Os teus olhos negros, negros... em que se encontram poemas e cantigas que integraram o corpus e os anexos da minha tese de Doutoramento, intitulada *Motivos de beleza e amor* no cancioneiro popular português e sérvio, apresentada e defendida em julho de 2014 na Universidade de Lisboa e avaliada com a classificação de Muito Bom com Distinção e Louvor. A intenção desta antologia era demonstrar que Portugal e a Sérvia, geograficamente distantes e com poucos contactos históricos, são dois países antigos, com grande património cultural, rica e variada literatura e cultura e que ambos têm bastantes pontos em comum, sobretudo na interpretação da estética da beleza e na expressão do sentimento amoroso.

Após estas experiências no trabalho de tradução com os alunos, posso dizer que a receção da literatura portuguesa por parte dos alunos do primeiro ano foi bastante positiva. Em conversas informais, bem como em trabalhos de casa, pedi os pontos de vista dos alunos sobre os autores que leram e uma breve justificação das suas preferências. Muitos deles, antes de se inscreverem no curso, tinham lido alguma tradução de Fernando Pessoa, as obras traduzidas de Paulo Coelho (nomeadamente, O alquimista, O zahir, O monte cinco), ou de Rui Zink (*A dádiva de Deus*), e constatam que queriam estudar português como um curso principal de licenciatura, lamentando isso ainda não ser possível. Quase *a priori*, os alunos do primeiro ano de estudo de português como cadeira opcional, gostam da poesia de Fernando Pessoa, enquanto a sua prosa lhes parece um pouco inacessível, densa, filosófica ou difícil para a idade deles. Um autor de que gostam à partida é Paulo Coelho, porque expressa pensamentos profundos em uma linguagem simples e compreensível. Um autor de que os alunos do primeiro ano geralmente não gostam, após uma primeira leitura, é José Saramago, ou por causa do desrespeito das normas ortográficas, ou por causa das suas frases demasiado longas, ou ainda porque o escritor tem uma postura nitidamente antieclesiástica, que pode ofender os sentimentos religiosos de alguns alunos. No entanto, as numerosas e excelentes traduções e repetidas edições das obras de Saramago na Sérvia mostram que o público geral, fora do mundo estudantil, aprecia e lê este autor com muita atenção. Entre os autores que previamente não tinham sido traduzidos para sérvio, os alunos do primeiro ano gostam muito de Luís Vaz de Camões como poeta lírico, de Eugénio de Andrade, Florbela Espanca e José Régio, bem como de Sophia de Mello Breyner, Jacinto Lucas Pires ou Mário Cláudio. Como razões principais, os alunos referem a simplicidade dos temas e a beleza da linguagem. Os alunos mais avançados também gostam de Paulo Coelho e de Fernando Pessoa, leram também a tradução de A tenda dos milagres, de Jorge Amado (provavelmente porque o seu interesse por este autor tinha sido suscitado através da telenovela brasileira O porto dos milagres, baseada nas criações literárias de Amado), tiveram algum contacto com os sermões do Padre António Vieira (uma obra seleta da sua autoria foi autoria traduzida por mim sob o título de Missão entre a corte e a selva⁴), leram Rui Zink, Gonçalo M. Tavares, José Gil e Eduardo Lourenço, Afonso Cruz nas traduções já exisn tentes. Um dos autores da sua preferência foi Gonçalo M. Tavares, precisamente por causa

⁴ Em sérvio: *Misija između dvora i prašume.*

da estrutura da obra *O bairro* (traduzido para sérvio como Kvart) e pela semelhança com o autor argentino Julio Cortázar. Vale a pena recordar que uma grande maioria dos meus alunos de português está a fazer a licenciatura em Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas, e daí a sua capacidade para fazer estes paralelismos. O autor que menos agradou ao público universitário com que tive a oportunidade de trabalhar é provavelmente Rui Zink, porque trata de temas filosóficos como o medo, mas de uma forma que lhes parece já muitas vezes elaborada e dita (A instalação do medo, do autor referido, foi traduzida para sérvio). Não me parece que os meus alunos tenham sido muito recetivos à obra de Eduardo Lourenço (em sérvio existe uma tradução minha de A Europa desencantada para uma mitologia europeia), por motivos de estilo demasiado complexo, de frases longas que, por vezes, ocupam meia página e por manifestar, de certa forma, uma desilusão para com a União Europeia. Novamente, as opiniões dos estudantes universitários e do público em geral são discordantes, tratando-se destes dois autores, tendo as edições das suas obras esgotado na Sérvia e sido reimpressas várias vezes para a ocasião da Feira do Livro de Belgrado, que se realiza todos os anos no mês de outubro.

Entre os poetas, os alunos mais avançados gostaram de Fernando Pessoa, José Régio, Nuno Júdice e Al Berto e pediram-me para traduzirmos em conjunto alguns poemas destes autores. As receções das literaturas de expressão porp tuguesa por parte da crítica, dos meios de comunicação social, das redes sociais, dos círculos intelectuais e por parte das editoras têm sido, no geral, quase univocamente positivas, recebendo elogios os próprios autores, bem como os tradutores, o que é muito animador, significando que o ensino do português na Sérvia tem futuro e que todo o esforço dos agentes culturais, professores e diplomatas para trazer um pouco do mundo lusófono para a Sérvia tem sido frutífero. As reedições de traduções existentes, bem como as novas traduções que têm vindo a aparecer nos últimos anos são uma prova, por excelência, de que o interesse por Portugal e pelo mundo lusófono existe e persiste, dentro e fora da Universidade e da comunidade académica.

O significado da 56.ª Feira Internacional do Livro em Belgrado para a divulgação da língua, literatura e cultura portuguesas na Sérvia

Os meus projetos de tradução de literatura portuguesa, porém, não são nem os primeiros, nem os únicos, tendo de destacar que durante décadas houve traduções esporádicas de e para a língua portuguesa. Certamente, há que destacar a 56.ª Feira Internacional do Livro, que teve lugar entre 21 e 28 de outubro de 2011 em Belgrado, em que a «convidada de honra» foi a língua portuguesa. Todos os anos, um país diferente é convidado para apresentar a sua literatura e

cultura durante a Feira Internacional do Livro em Belgrado, e, no ano de 2011, ocorreu uma iniciativa que nunca antes tinha sido praticada: a de convidar uma língua inteira, falada em diversos países. Este evento cultural teve o lema «Uma Língua — Muitas Culturas», que, de certa forma, condiz com o lema geral de toda a feira «Os livros conectam as culturas». Os géneros literários representados nas traduções na feira eram: prosa, poesia e teatro. Traduziram-se livros para o público adulto e para o infantil e juvenil e a temática dos livros foi muito diversa, para mostrar a multiplicidade das formas de pensar dos autores.

Destacando as especificidades de cada país, o seu lugar único no mapa cultural do mundo, as suas diversidades lexicais, esta feira sublinhou várias vezes a beleza e a multiplicidade da língua portuguesa, que é um fator que une todos os territórios em que é falada e ensinada. Desta forma, a comunidade académica, os meios de comunicação social, o público leitor sérvio e os visitantes da feira tiveram a oportunidade de relembrar um pouco da história e da geografia de Portugal e do universo lusófono. Os que desconheciam ou esqueceram os dados sobre o número de falantes da língua portuguesa e os espaços culturais em que ela é falada aprenderam que o português não se limita apenas a Portugal e ao Brasil. As gerações mais idosas lembram-se certamente do facto de Angola ter sido um país muito amigo da Jugoslávia no período dos Não-Alinhados e da amizade entre Tito

e Agostinho Neto. Irei citar uma curiosidade, que conecta a Sérvia e Angola: em Nova Belgrado, numa parte da cidade capital sérvia, que começou a ser construída após a Segunda Guerra Mundial e que conheceu um desenvolvimento rápido nos anos 50 e 60 do século passado, existe uma rua dedicada a Agostinho Neto.

Embora nas escolas, nas aulas de Geografia, se estudem os países do mundo, as suas capitais e as línguas oficiais, o público sérvio, em geral, podia não ter recordado de imediato os nomes de todos os países em que a língua portuguesa é falada, e um dos objetivos da feira era, de facto, o de chamar a atenção para a diversidade de países e culturas unidos por esta língua, elementos de cultura e do passado histórico partilhado. Para além de Portugal e do Brasil, o português, hoje em dia, fala-se em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Timor-Leste, Macau e Goa. Porém, pouco ou nada se sabia sobre cada uma destas localidades no espaço cultural sérvio. A feira do livro era um excelente «pretexto» para se dar a conhecer um universo rico e multifacetado, em que a literatura é uma parte integrante da cultura, que vale a pena ser conhecida pelo público sérvio. É verdade que Portugal, Brasil, Angola ou Moçambique foram os países lusófonos mais representados na feira, provavelmente por serem os mais conhecidos entre os países de língua portuguesa, ou ainda porque as instituições culturais destes países podiam ter tido mais recursos financeiros

para apoiar as traduções ou, como última razão, poder-se-ia considerar a existência das Embaixadas de Portugal, Brasil e Angola no território da República da Sérvia, que mostraram a boa vontade de presenciar, apoiar e promover as atividades da feira do livro, promovendo também as suas respetivas culturas na Europa. Por outro lado, não me consta que estivesse representada a literatura macaense, cabo-verdiana ou guineense entre as obras traduzidas para sérvio para os efeitos da feira. Uma das possíveis razões para isso pode ser a pouca acessibilidade às fontes originais e à bibliografia sobre as literaturas nesses espaços culturais longínquos e bastante desconhecidos na Europa e nos Balcãs. Outro motivo possível para a quase completa ausência de representação de Macau, Goa, Timor-Leste, Guiné-Bissau ou Cabo Verde na feira do livro de Belgrado poderia ser a inexistência de embaixadas, consulados ou de qualquer representação diplomática desta parte do mundo lusófono na Sérvia. Não se deve esquecer também que em Cabo Verde, Timor-Leste e na Guiné-Bissau, o português, para a maioria dos seus habitantes, é uma segunda língua, reservada às escolas, ao sector da administração pública, para os meios de comunicação social, enquanto em casa e no seio familiar se falam crioulos, com uma forte influência portuguesa. A questão que surge agora é até que ponto a própria língua portuguesa nestes países é bem ensinada, se os escritores preferem expressar-se em português

ou nas suas línguas maternas, em que medida os crioulos estão representados no sistema de ensino público ou em que medida estas línguas são estandardizadas e padronizadas. O momento de instabilidade económica e social na Guiné-Bissau, em Cabo Verde e em Timor-Leste certamente pode também ser um dos fatores que dificultam o investimento na literatura e cultura, na edição, publicação e tradução das obras, bem como a própria produção literária. No futuro, poderá, talvez, haver mais iniciativas que fomentem a cooperação entre o mundo lusófono e a Sérvia, que permitam aos leitores conhecer uma parte da riqueza do património literário do resto dos países lusófonos.

Para a ocasião da 56.ª Feira Internacional do Livro em Belgrado foram traduzidas dezenas de obras de autores lusófonos. Quer se trate de obras de tradutores já conceituados como Jasmina Nešković, Tatjana Manojlović, Dejan Tiago Stanković, Jovan Tatić ou Ana Kuzmanović, ou dos mais jovens, como Mladen Ćirić, Tanja Štrbac, Vesna Vidaković ou eu, que apree sentámos na feira as nossas primeiras traduções de português para sérvio, é certo que cada um de nós contribuiu em grande medida para a divulgação da cultura portuguesa e das diferentes culturas lusófonas, negando o ditado popular português que sublinha a ideia de que «cada tradutor é um traidor». Se bem que seja verdade que ler a obra no original é sempre mais bonito e especial do que ler na tradução, e que nunca é completamente

possível traduzir todas as expressões de uma língua para outra (ex., provérbios, expressões idiomáticas, palavras muito antigas, o registo coloquial, regionalismos, neologismos, pelos quais Mia Couto é conhecido), o dever do tradutor é sempre o de transmitir a mensagem e o texto da melhor forma possível, para que a obra traduzida na língua-alvo soe como se fosse originalmente escrita nessa língua. Para estes efeitos, o tradutor deve, por vezes, adaptar expressões, procurar a palavra mais adequada, prestar atenção à ordem das palavras, sem que o texto original perca a profundidade e a beleza do pensamento, estilo e linguagem do autor. Obviamente, entre os títulos traduzidos havia mais ou menos liberdades ou mais ou menos desejos de o tradutor permanecer fiel ao original, o que não merece necessariamente uma crítica a priori, ou um juízo demasiado severo ou superficial de o tradutor ser um «ignorante» ou de «não saber traduzir». Nomeadamente, o livro O vendedor dos passados, de José Eduardo Agualusa, na tradução de Jovan Tatić para sérvio ganhou uma nova forma sob o título de O livro dos camaleões (em sérvio, Knjiga o kameleonima). Tendo em conta que o ofício do protagonista é o de «vender passados falsos» e que na capa do livro publicado pela Quetzal Editores se encontra justamente um camaleão, a escolha livre do tradutor podia basear-se na sugestão de mudança de personalidades e a capacidade de adaptação, característica dos camaleões. Com o segundo exemplo de tradução livre

(embora não errada) do título de um livro português, citarei *A vida nas palavras de Inês* Tavares, livro infantil de Alice Vieira, que na interpretação da tradutora Ana Kuymanović--Jovanović adquiriu a forma de *O diário de Inês* Tavares (Dnevnik Ines Tavares). Esta escolha de vocabulário não admira, uma vez que este livro é frequentemente comparado ao célebre Diário de Anne Frank, ambos retratando a vida de adolescentes de 13 anos de idade, as suas preocupações, o seus medos e pensamentos prévios à entrada no mundo adulto. As semelhanças entre estas duas obras são várias, se bem que a obra sobre Anne Frank tenha um teor mais sério, escrita em tempos de guerra, angústia e sofrimento, enquanto o livro de Alice Vieira é muito mais leve e cómico, apresentando uma menina, que no mundo globalizado e dominado por tecnologias modernas recebe um diário como prenda de anos, primeiramente não sabendo para que é que ele servia, e posteriormente habituando-se a escrever as suas memórias e descrevendo a sua paixoneta pelo ator americano Brad Pitt. Embora o título seja um tanto livre, ninguém deveria discutir a capacidade da tradutora de transmitir o espírito jovial da protagonista, refletido na linguagem coloquial, nas piadas, nos programas de televisão que vê e com que cresce, situando-a no mundo de uma simples adolescente portuguesa, mas também conseguindo fazer certos paralelismos com os comportamentos e expressões dos leitores adolescentes sérvios. Como mais um exemplo,

citarei uma tradução livre do título de uma obra do vencedor do Prémio Nobel português José Saramago. Deste modo, o célebre Memorial do convento, na perspetiva de Dejan Stanković, revestiu-se de Sete sóis, sete luas (Sedam sunaca, sedam mesečina). Tendo em conta que uma das personagens do livro se chama Baltasar Sete-Sóis, o tradutor queria destacar este facto e pô-lo no primeiro plano desde o título. Por último, irei referir um desafio que eu própria tive no processo de tradução e que foi o título da obra A Europa desencantada, de Eduardo Lourenço. A palavra que me causou as primeiras dúvidas foi, de facto, o adjetivo «desencantada». O dicionário on-line da língua portuguesa Priberam cita os seguintes significados do verbo «desencantar»: «1. Quebrar o encanto de. 2. Descobrir, achar (coisa muito escondida ou abandonada em sítio escuso). 3. [Figurado] Tirar a ilusão a». Tendo em conta que Eduardo Lourenço é um grande defensor da União Europeia, mas que também mostra uma certa desilusão relativamente a certos aspetos deste conjunto de países, a minha primeira questão era se o objetivo do autor era apresentar a ideia de uma «Europa encontrada», como um resultado feliz de esforços de diversos países por encontrarem uma solução eficaz para uma maior estabilidade de todo o continente, ou de uma «Europa desiludida», em que existem dificuldades em ultrapassar as divergências e os problemas que a União Europeia encara. Encontrei a solução num dos próprios ensaios

de Lourenço, em que se utiliza o sintagma «a Europa desencantada» num sentido bastante cético e pessimista, o que me levou a optar pelo adjetivo sérvio razočarana, que significa «desiludida» ou «desencantada». Até que ponto a liberdade do tradutor é legítima ou em que medida pode induzir o leitor no erro, é uma questão sensível, bem como o direito do tradutor de «machucar» o texto de um autor conceituado, e isso mereceria uma discussão mais bem fundamentada noutra ocasião. Por vezes, a escolha do título da obra a ser traduzida pode ser condicionada pela sugestão do editor, pelo desejo de intrigar e interessar o leitor, de tornar o livro mais comercializável e vendível, de acordo com as tendências do mercado e outras, que podem influenciar a fidelidade e a qualidade da própria tradução.

Apenas para ilustrar, citarei os seguintes autores: Mia Couto, Paulina Chiziane (Moçambique), Ana Maria Machado, Jorge Amado, Edney Silvestre, Augusto Cury, Paulo Coelho (Brasil), José Eduardo Agualusa, Onjaki (Angola), bem como Rui Zink, Eduardo Lourenço, José Gil, João Tordo, Vicente Alves do Ó, Alice Vieira, Ana Saldanha, Lídia Jorge (Portugal). A feira foi aberta pelo célebre escritor sérvio Svetislav Basara e pelo grande vulto da literatura moçambicana Mia Couto. No discurso de abertura, Mia Couto referiu que o português é uma língua que atravessa continentes e une culturas, da mesma forma em que o fazem os livros. Por sua vez, o escritor sérvio Basara, no seu discurso de abertura da feira, foi um tanto

pessimista, referindo-se à crise da espiritualidade e à decadência dos valores, colocando este evento como um «ponto da luz» no meio de tanta corrupção, que ainda dá alguma esperança à literatura e à criação. Como menciono no meu texto inserido na revista eletrónica Machina Mundi, na feira estiveram presentes Arnaldo Saraiva, professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, as escritoras Lídia Jorge, Alice Vieira, Ana Maria Machado e muitos outros acima mencionados. Para além das apresentações de livros, conferências e debates, houve também oficinas de literatura, visitas dos escritores a escolas e a bibliotecas de Belgrado e o concerto da cantora de fado Cristina Branco.

Já mais para o fim da feira foram traduzidas basicamente obras literárias e reeditados os dicionários de português-sérvio de Pavle Živković (2005) e um dicionário de bolso português--sérvio-sérvio-português de Joana Câmara e Mladen Ćirić (2009). A editora croata Školska knjiga apresentou edições dos dicionários croata-português e português-croata da autoria de Nikica Talan, bem como uma gramática básica do mesmo para aprender português, do mesmo autor. Na Sérvia, sente-se uma falta sistemática de gramáticas, de diferentes tipos de dicionários, de manuais para aprender a língua e cultura portuguesas. Até ao momento, têm-se apresentado trabalhos científicos acerca da língua portuguesa em conferências e têm-se feito alguns esforços neste sentido. O que, na minha opinião,

faltou na feira ou ficou por ser traduzido são obras de história, geografia, biografias de ilustres portugueses, livros sobre gastronomia, desporto, música, que pudessem captar a atenção de um público mais vasto e criar uma imagem mais completa sobre Portugal e o mundo lusófono.

Pode dizer-se, sem dúvida, que este evento foi o momento crucial para o desenvolvimento da tradução das literaturas de língua portuguesa na Sérvia e que a possibilidade de ter acesso a tantas e tão diversas obras literárias do vasto espaço cultural unido por uma única língua seguramente despertou o interesse do público universitário pela aprendizagem mais sistemática e formal da língua portuguesa. As reações do público visitante da feira, bem como dos meios de comunicação social foram bastante positivas, o que também fortaleceu as relações interculturais entre Portugal e a Sérvia e contribuiu para um melhor conhecimento dos países lusófonos e da sua literatura entre os sérvios. Desta forma, a Sérvia, como o país anfitrião da feira, abriu-se para os países de língua portuguesa, onde, devido a diversos fatores (culturais, históricos, políticos e outros), ela era bastante desconhecida, ou, infelizmente, conhecida por motivos errados e interpretados de forma equívoca (como a guerra da desintegração da Jugoslávia e as suas consequências). Com a feira do livro ficou demonstrado que as barreiras e desconhecimentos podem ser ultrapassados através de diálogos interculturais e atividades que envolvam os dois países. Este foi um dos passos na maior aproximação entre Portugal e a Sérvia.

Os estereótipos sobre Portugal e os portugueses no espaço cultural sérvio antes e depois da literatura

Por «estereótipo», na conversa quotidiana, habitualmente entendem-se ideias ou imagens petrificadas e generalizadas sobre uma pessoa, lugar, conceito abstrato, etc., que se costumam aplicar a todos os representantes de um país, cultura, raça, religião, nacionalidade, grupo social. Uma primeira associação a estereótipos normalmente tende a ter uma conotação negativa, se bem que semanticamente nem sempre seja assim. Este termo está estreitamente ligado ao vocabulário da imprensa e refere-se à imagem-modelo segundo a qual se imprimem os exemplares seguintes, bastante semelhantes ao primeiro. Os estereótipos podem adquirir também uma conotação positiva, nomeadamente quando se diz que os representantes de um povo são simpáticos, que os homens ou as mulheres de uma determinada localidade são belos, que uma determinada nação é corajosa, que os habitantes de uma cidade são organizados, amáveis, que uma língua é melodiosa, que os representantes de uma cultura aprendem idiomas com facilidade. De uma forma mais científica, Marcos Emanoel Pereira et al., no artigo «Em direção a uma nova definição de estereótipos: Teste empírico do modelo num

primeiro cenário experimental», definem os estereótipos como «sistemas de crenças socialmente partilhadas a respeito das características homogéneas das culturas ou de uma determinada categoria social cujos fundamentos são encontrados nas teorias explicativas a respeito dos fatores que determinam os padrões de conduta» (p. 201). O que vale a pena sublinhar aqui é a dimensão socialmente condicionada dos estereótipos e a sua aplicação a um grupo ou coletivo. Desta forma, os estereótipos podem servir para categorizar ou classificar melhor uma comunidade, bem como podem ser interpretados como elementos discriminatórios, em que se pode basear a hostilidade ou até o ódio relativamente ao grupo em questão. Frequentemente, os representantes de outros povos, raças, minorias podem ser alvo de ideias generalizadas negativas. Por mais esforços que haja, parece impossível erradicar completamente todos os estereótipos, mas pode servir como consolação a opinião geral que os estereótipos negativos costumam surgir do medo do desconhecido, representado pelo Outro, e da ignorância ou falta de informação e não necessariamente da maldade, enquanto os estereótipos positivos se baseiam numa opinião generalizada de um grande número de pessoas, que pode ser mais ou menos bem fundamentada. Relativamente aos estereótipos que os sérvios têm sobre Portugal e os portugueses, estes são bastante positivos, sendo que as primeiras associações que surgem

quando se menciona Portugal são os Grandes Descobrimentos, o futebol, a música fado, a poesia e a beleza das ruas estreitas e dos prédios coloridos de Lisboa. Diferentemente da opinião geral que os sérvios têm sobre os brasileiros (como pessoas amigáveis, alegres, amantes do canto e da dança), os portugueses são vistos por nós como mais calmos, melancólicos, entregues ao lirismo e à introspeção. Entre as pessoas da Sérvia que já visitaram Lisboa (como turistas ou bolseiros de estudo), há uma opinião bastante simpática acerca dos portugueses como um povo que «come peixe, bebe vinho, ouve fado e lê poesia», que resume em poucas palavras alguns hábitos que geralmente se atribuem a este povo. Nos últimos anos, vários jornais sérvios têm publicado reportagens sobre Lisboa, em que admiram e sublinham a beleza da cultura antiga da capital portuguesa e descrevem os portugueses como muito boas pessoas, bons anfitriões, amáveis, decentes, ao início um pouco formais no tratamento, mas dispostos a diminuir a distância com o interlocutor quando chegam a conhecê-lo melhor. Os jornalistas sérvios que visitaram Lisboa e escreveram diversos textos sobre a vida na cidade notam uma certa forma descontraída no modo de vestir feminino, salientando que as jovens portuguesas não se preocupam com as roupas de marca, minissaias ou saltos altos, em que se diferenciam bastante das suas coetâneas de Belgrado.

O escritor Ivo Andrić na sua obra *Portugal*, *terra verde* (*Portugal*, *zelena zemlja*) elogia a paz e a calma dos portugueses, sublinhando também a capacidade de fazer muito barulho quando se reúnem, descreve a vida difícil das varinas a carregar peixe, admira a qualidade da vegetação e a quantidade da água. Lisboa e Sintra inspiraram em Ivo Andrić uma sensação de calma e felicidade por lá ter estado, mas também de melancolia por ter tido de abandonar este país.

Nas conversas com os meus alunos nas aulas de português, bem como nos seus trabalhos de casa, levantei a questão dos estereótipos que tinham sobre Portugal e os portugueses antes e depois de conhecerem a língua e a literatura. Muitos deles já tinham tido algum contacto com os portugueses através das redes sociais, estadias em Portugal (voluntariados, férias, visitas a amigos), enquanto outros eram principiantes absolutos quando começaram a aprender português. Os que já conheciam um pouco de Portugal têm opiniões semelhantes às de Ivo Andrić e dos jornalistas que escrevem reportagens, destacando a tranquilidade e a serenidade dos habitantes de Portugal, se bem que também um pouco de desleixo relativamente ao tempo, aos prazos e às regras estritas. Os que nunca antes tinham estado em Portugal ouviram falar em nomes de algumas cantoras de fado, alguns atores de telenovelas, muitos futebolistas, mas depois de se terem inscrito no curso de português, logo que tiveram

uma oportunidade de visitar este país, fizeram-no e as suas impressões são positivas. Através da literatura portuguesa que leram, diria que os meus alunos adquiriram uma impressão sobre os portugueses como pessoas que respeitam a família, o passado histórico e os valores tradicionais (geralmente, após o contacto com lendas, contos e poemas populares), mas também como pensativos, românticos, com um modo muito particular de expressar os sentimentos e de se entregarem ao amor, críticos de fenómenos sociais, mas também com uma tendência para se queixarem muito e sem uma razão forte. Os autores que mais influenciaram o pensamento dos meus alunos foram Fernando Pessoa, Sophia de Mello Breyner, Afonso Cruz e Gonçalo M. Tavares, que leram nas respetivas traduções (e partes na língua original), bem como Florbela Espanca, Manuel Alegre e José Régio, que conheceram no original e tiveram a vontade de traduzir.

Conclusões

Este trabalho, de carácter panorâmico, teve como objetivo apresentar o ponto de situação das relações bilaterais de Portugal e a Sérvia, do ensino e da aprendizagem da língua e cultura portuguesas, bem como dos progressos e projetos na área da tradução, para chegar à análise das receções das literaturas de língua portuguesa entre o público sérvio. Chegou-se à conclusão de que as relações diplomáticas, políticas e culturais entre os dois países têm sido boas, nem sempre tão profundas e com-

plexas como talvez pudessem ser, mas que nas últimas duas décadas se têm feito bastantes passos para ultrapassar as diferenças e estabelecer pontes de contacto. A literatura portuguesa, bem como as literaturas dos outros países lusófonos, ainda continuam um campo por descobrir, investigar e apreciar, se bem que até agora tenham tido uma excelente receção por parte da crítica, dos meios de comunicação social e do público leitor, dentro e fora da comunidade académica. As atividades até agora desenvolvidas na área da divulgação da língua e cultura portuguesas e do conhecimento do universo lusófono certamente não acabarão aqui e serão apenas um princípio do reforço das boas relações bilaterais em termos de cultura, história e linguística e de um melhor conhecimento mútuo.

Bibliografia

Impressa

Amado, Ž. (1981). *Velika zaseda*. (Trad. de LaŁ dislav Grakalič). BIGY. Beograd;

Agvaluza, Ž.E. (2008). *Knjiga o kameleonima*. (Trad Jovan Tatić). Dereta. Beograd;

Besa-Luiš, A. (2005). *Sibila*. (Trad. de Ana Kuzmanović-Jovanović). Narodna knjiga-Alfa. Beograd;

Lorenso, E. (2011). *Razočarana Evropa, Prilozi za jednu evropsku mitologiju*. (Trad. de Anamarija Marinović). Mediterran Publishing. Beograd;

Câmara, J. e Ćirić, M. (2005). *Portugalsko-srpski Spsko-Portugalski rečnik*. Matić. Beograd;

Carvalho, J.S. (2012). *As relações jugoslavo-portuguesas (1941-1974)*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra;

Kamoens, L. de (1982). *Luzijadi*. (Trad. de Đorđe Saula). Srpska Književna Zadruga. Beograd;

Kejroš, E. de (2004). *Hronika Porodice Maja*. (Trad. de Nina Marinović). Izdavačka knjižarnica Zorana Jovanovića. Novi Sad;

Koeljo, P. (1994). *Alhemičar*. (Trad. de Radoje Tatić). Paideia. Beograd;

Koeljo, P. (2014). *Zahir*. (Trad. de Jasmina Nešković). Laguna. Beograd;

Koeljo, P. (2015). *Peta gora*. (Trad. de Jasmina Nešković). Laguna. Beograd;

Saramago, Ž. (2012). *Jevanđelje po Isusu Hristu*. (Trad. de Dejan Tiago Stanković). Laguna. Beograd;

Saramago, Ž. (2014). *Slepilo*. (Trad. de Dejan Tiago Stanković). Laguna. Beograd;

Saramago, Ž. (2016). *Sedam sunaca i sedam luna*. (Trad. de Dejan Tiago Stanković). Laguna. Beograd;

Talan, N. (2006a). *Osnove gramatike portugals-koga jezika*. Nova školska knjiga. Zagreb;

Talan, N. (2006b). *Portugalsko-hrvatski riječnik*. Nova školska knjiga. Zagreb;

Talan, N. (2006c). *Hrvatsko-portugalski riječnik*. Nova školska knjiga. Zagreb;

Tavareš, G.M. (2011). *Kvart*. (Trad. de Tamina Šop). Čigoja štampa. Beograd;

Vieira, A. (2011). *Dnevnik Ines Tavares*. (Trad. de Ana Kuzmanović-Jovanović). Kreativni centar. Beograd;

Zink, R. (2016a). *Božiji dar*. (Trad. de Tanja Tarbuk). Clio. Beograd;

Zink, R. (2016b). *Ugrađivnje straha*. (Trad. de Hristina Vasić-Tomše). Clio. Beograd;

Živković, P. (2005). *Portugalsko-srpski rečnik*. Narodna knjiga. Alfa. Beograd.

Digital

Andrić, I. (s.d.). *Portugal, zelena zemlja*. Acedido em 2 de setembro de 2018, em: https://www.scribd.com/doc/69631637/Portugal-terra-ver-de-Portugal-zelena-zemlja-Ivo-Andri%C4%87;

B.Č. (2017, 25 de janeiro). Nikolić: Nova era odnosa Srbije i Portugalije. Политика *Online*. Acedido em 1 de setembro de 2018, em: http://www.politika.rs/scc/clanak/372828/Predsednik-Nikolic-u-poseti-Portugaliji;

Desencantar. (s.d.). Em: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Acedido em 1 de setembro de 2018, em: https://www.priberam.pt/dlpo/desencantar;

Marinović, A. (2011, outubro/novembro). O português como convidado na 56.ª Feira Internacional do Livro em Belgrado [Versão eletrónica]. *Machina Mundi*, 2 (1-2): 92-93. Acedido em 2 de setembro de 2018, em: http://www.lusosofia.net/textos/20120111-cristovao_fernando_machina_mundi_1_e_2.pdf;

Pereira, M.E., Modesto, J.G. e Matos, M.D. (2012). Em direção a uma nova definição de estereótipos: Teste empírico do modelo num novo cenário experimental [Versão eletrónica]. *Psicologia e Saber Social*, **1** (2): 201-220. Acedido em 2 de setembro de 2018, em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/viewFile/4899/3622;

Presidência da República Portuguesa. (s.d.). Acedido em 2 de setembro de 2018, em: www. presidencia.pt;

Stanković, D.T. (2012, 16 de abril). Crnjanski u Lisabonu. Политика *Online*. Acedido em 1 de setembro de 2018, em: http://www.politika.rs/scc/clanak/215425/Crnjanski-u-Lisabonu-1941.